

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JB

CLASS. : 162

DATA : 01 08 90

PG. : capa | 7



Fiocruz/Genilton José Vieira

***Bicho de estimação da indiazinha,
macaco aotus transmite a doença***

Fiocruz prova que macacos passam malária

O macaco pode transmitir malária aos seres humanos, porque é hospedeiro de um parasito causador da doença. A pesquisa da Fiocruz — realizada na Amazônia e confirmada em testes de engenharia genética — amplia a dificuldade de controlar a malária, pois o mosquito anofelino, seu transmissor, pode infectar o homem após picar os macacos nas florestas.

Em Bauru (SP), foram confirmados três novos casos de malária em usuários de drogas injetáveis, elevando para 12 o número de pessoas contaminadas pelo uso coletivo de seringas. Os ministros da Saúde, Exército, Marinha e Aeronáutica reuniram-se ontem para traçar uma estratégia de combate a doenças endêmicas, como a malária e a dengue. (Pág. 7)

Fiocruz descobre que malária de macaco também ataca homem

Fiocruz — Genilton José Vieira

Sérgio Adeodato

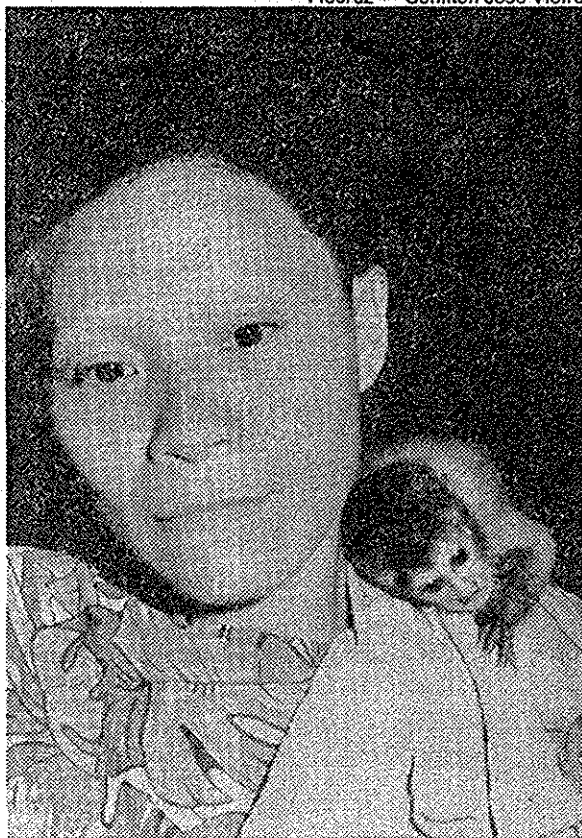
Fortes evidências científicas, obtidas por estudos de campo na Amazônia e testes de engenharia genética, revelam que o macaco é reservatório de um dos parasitos que provocam malária em seres humanos. Isso significa que o mosquito anofelino, transmissor da doença, pode infectar o homem após picar os macacos nas florestas — fato que dificulta ainda mais o controle da malária e vai obrigar a Fundação Nacional de Saúde (antiga Sucam) a mudar suas técnicas de diagnóstico, que hoje não detectam a presença desse parasito no sangue humano. Até então, acreditava-se que essa doença era transmitida ao homem somente pela picada de mosquito infectado com o sangue de outro ser humano.

Essas são as principais conclusões de uma detalhada pesquisa feita pela cientista Mércia Arruda, do Departamento de Entomologia da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). A primeira suspeita de que o macaco é reservatório do parasito que provoca malária no homem surgiu quando a cientista pesquisou mosquitos de uma área de Tucuruí, no Pará, que estava sendo desmatada para o enchimento da represa: enquanto análises das glândulas salivares dos mosquitos dissecados em campo mostraram que 18% estavam infectados pela malária, exames de laboratório mais precisos revelaram que somente 4% tinham dois parasitos que infectam o homem — o *vivax* e o *falciparum*. Essa foi a pista: "Havia um terceiro tipo de malária que não estava sendo detectado", conta a pesquisadora.

Dos 2.046 macacos selvagens de Tucuruí, de sete espécies diferentes, analisados durante seis meses, 19% estavam infectados — os cientistas nunca haviam detectado infecção em macacos dessa região.

Outra evidência foi conseguida após três anos de coleta de sangue em tribos isoladas do Amazonas, quando a cientista verificou que o nível de anticorpos ao parasito da malária era muito alto para índios que somente há pouco tempo (cerca de dois anos) entraram em contato com os brancos. Análises do sangue dos índios na Universidade de Nova Iorque revelaram que, na tribo mecutire, do cacique Raoni, na região do Xingu, 100% dos 243 índios tinham anticorpos ao parasito *Plasmodium brasilianum*, que até então era considerado específico de macacos. Mais de 90% dos macacos que vivem em contato permanente com os índios também tinham anticorpos ao parasito.

A pista mais conclusiva surgiu quando o Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos (CDC) pesquisou



A malária do macaco vitima índios

o código genético dos parasitos *malariae* (que causaria malária no homem) e *brasilianum* (considerado responsável pela malária em macacos), constatando que são muito semelhantes. "Na verdade, não existem dois parasitos, mas um só, o *malariae*, que foi transmitido do homem para o macaco, adaptando-se ao organismo desse animal", explica Mércia Arruda, pesquisadora que trabalhou cinco anos com a vacinação experimental de malária em macacos, na Universidade de Nova Iorque, integrando a equipe do casal de cientistas brasileiros Vitor e Ruth Nussenzweig.

"O *malariae* pode ficar muito tempo no organismo sem produzir sintomas da malária, aumentando o perigo da infecção por transfusões de sangue", adverte Mércia Arruda. Além disso, os testes para diagnóstico feitos atualmente pela Sucam não são capazes de detectar esse parasito.

Forças Armadas entram no combate às endemias

BRASÍLIA — O ministro da Saúde, Alcení Guerra, reuniu-se ontem com seus colegas das três pastas militares para definir uma estratégia para combater doenças "que há cinco anos" saíram do controle do governo federal. "Trata-se de uma situação de emergência e começaremos a agir hoje mesmo", garantiu Alcení Guerra, ao explicar que a malária e a dengue serão os principais alvos desse esforço integrado.

As Forças Armadas ajudarão o Ministério da Saúde colocando à disposição transportes (aviões, barcos e veículos automotores) e efetivos humanos. Alcení Guerra pediu aos ministros militares — Carlos Tinoco, do Exército; Sócrates Monteiro, da Aeronáutica; e Mário Cesar Flores, da Marinha — que consigam da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, mais recursos para a compra de vacinas e medicamentos. "Os ministros prometeram nos ajudar com a instalação de leitos hospitalares de campanha, no caso de a dengue aumentar no Rio de Janeiro no verão", explicou Alcení Guerra.

Para enfrentar a atual situação de emergência, os militares anunciaram a intenção de colaborar para a erradicação da dengue. Os recrutas, por exemplo, receberão treinamento de técnicos do Ministério da Saúde para combater o mosquito transmissor da doença. Os soldados do Exército já executaram essa tarefa em 1987, "com êxito", segundo Alcení Guerra. A ação, que começou ontem no Rio de Janeiro, poderá se estender ao Nordeste, onde também há perigo de uma epidemia.

Haverá também combate à malária, que apenas no primeiro trimestre deste ano registrou 130 mil novos casos de pessoas infectadas. O Exército vai fornecer veículos e soldados para borrifar as casas. Esta tarefa vai se concentrar principalmente na Amazônia e no Nordeste. Manaus, Porto Velho e Boa Vista terão atenção especial do Ministério da Saúde e das Forças Armadas porque a malária já se instalou nessas capitais e pode se espalhar por outras grandes cidades do Norte e Nordeste do país.

As Forças Armadas vão ajudar na campanha nacional de multivacinação, no próximo dia 22 de setembro. Os militares se comprometeram a colocar transportes à disposição nesta data quando serão aplicadas vacinas contra cinco doenças ao mesmo tempo: triplíce (difteria, tétano e coqueluche), sarampo e poliomelite.

Alcení Guerra acha que o governo federal perdeu o controle sobre a malária devido ao intenso deslocamento de garimpeiros nos últimos anos para as áreas endêmicas. Os garimpeiros fazem inúmeras viagens e estão sempre mudando de um lugar para o outro. "São verdadeiros veicujos transmissores da doença", observou. O ministro acredita ainda a expansão da malária aos assentamentos de colonização que foram realizados sem obedecer a nenhum critério sanitário.